

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

ANALOGIA ENTRE PANDEMIA E GUERRA

Ana Cristina Pereira, Gaia Giuliani, Rita Santos, Sílvia Roque

Desde o início da pandemia de COVID-19, tem sido recorrente o recurso a expressões que remetem para uma analogia entre a pandemia e a guerra. Nesta narrativa simplificada, o vírus é o “inimigo invisível”, os hospitais são a “linha da frente” e os profissionais de saúde “os ‘nossos’ heróis”. Se é verdade que, em alguns contextos, a letalidade do vírus ou os seus impactos económico-sociais podem ser superiores aos de uma guerra, é de assinalar que a utilização sistemática desta retórica, em particular por parte dos *media* e de decisores políticos, é geradora de uma série de problemas sobre os quais é necessário refletir.

A ideia de guerra é usada como significante de *urgente*, com o objetivo de intensificar a mobilização de meios e recursos, por um lado, e de *gravidade*, apelando à ordem, disciplina e obediência da população, por outro. Aqueles que ficam confinados remetem-se ao cumprimento das ordens e a serem passivamente protegidos, e os que são chamados a intervir são classificados como “heróis”, aplaudidos pelas suas qualidades extra-humanas para atuar na “linha da frente”. Remetendo para um estado excecional e imprevisível, invisibilizam-se as constantes chamadas de atenção para os riscos de pandemia lançadas por académicos e/ou ativistas, bem como a negligência dos Estados relativamente à preparação e organização dos serviços de saúde e de apoio social pré-epidemia – tendo estes delegado às cidadãs e aos cidadãos a capacidade de se sacrificarem pelo bem comum. A retórica do conflito e do inimigo pode traduzir-se numa linguagem que tende a substituir o “inimigo invisível” por “inimigos visíveis”, assim designados pelo seu potencial de “contaminação”, ou seja de transmissão do vírus, sendo ne-

cessário contê-los, afastá-los ou protegê-los contra a sua vontade. A linguagem de guerra autoriza comportamentos “musculados” e de defesa de interesse próprio (i.e., acumulação de armas de fogo ou de bens de proteção contra o vírus) e é associada a figuras de autoridade e de proteção fundamentalmente brancas e masculinas.

Em alternativa aos discursos de guerra, é necessário:

- Colocar a ênfase nas políticas dos tempos de “normalidade” e nas suas consequências na gestão de políticas de tempos de exceção (emprego, apoio social, serviços de saúde);
- Destacar práticas e discursos sobre o cuidado com os outros, da interdependência, e da necessidade de o reforço de vínculos entre as pessoas e de estruturas sociais coletivas, horizontais, abertas e democráticas, baseadas na corresponsabilidade do cuidado e no bem comum;
- Combater representações de reforço identitário e nacionalista (tais como proteger “os nossos” do vírus e “comportamentos externos”) ou autoritários, patriarcais e punitivos (proteger por via da força);
- Reforçar mecanismos democráticos de monitorização de discursos e práticas públicas no plano representativo, participativo e de contestação de medidas e discursos de teor belicista, nacionalista, heteropatriarcal e punitivo;
- Pensar de forma crítica e desconstruir ativamente os referidos discursos belicistas.